

PARAÍSO TROPICAL: O CONFRONTO ENTRE O BEM E O MAL NA TELEDRAMATURGIA BRASILEIRA

Fernanda Sacramento Santos (Bolsista PET – Filosofia)(Agência financiadora: MEC/SESu)
Telma Cristina de Castro – Discente Letras UFSJ
Orientadora: Prof. a Dr. a Claudia Mariza Braga – DELAC- UFSJ

Resumo: O projeto de pesquisa *Do melodrama à telenovela: dramaturgia popular no Brasil*, no qual se insere o presente estudo, visa desvelar as estratégias narrativas de identificação recorrentes na dramaturgia popular. Neste breve estudo serão apresentadas as figuras dos vilões e mocinhos da telenovela global “Paraíso Tropical” e também estabeleceremos as bases de atuação desses personagens.

Palavras-Chave: telenovela, melodrama, vilão, mocinho.

Introdução:

O projeto de pesquisa *Do melodrama à telenovela: dramaturgia popular no Brasil*, no qual se insere o presente estudo, visa desvelar as estratégias narrativas de identificação recorrentes na dramaturgia popular. Neste sentido, busca-se discutir as formas através das quais se dão tal identificação e, no trabalho aqui apresentado, estabelecer as bases de atuação dos vilões e mocinhos, personagens que representam o “bem” e o “mal”, tendo em vista que o embate entre tais pólos está freqüentemente presente nas obras de cunho melodramático. Para esta breve análise foi escolhida como exemplo a telenovela global “Paraíso Tropical”. Procuramos primeiramente expor a história da telenovela no Brasil e também explicitar qual a trama em que estes personagens estão envolvidos, para depois darmos enfoque especial à estas figuras. O referencial teórico deste trabalho ficará a cargo de Ivete Huppés, com sua obra “Melodrama - O Gênero e sua permanência” e também de Jean Marie Thomasseau, com “O Melodrama”.

Telenovela: uma história de sucesso

A história da teledramaturgia no Brasil tem seu pontapé inicial com uma produção da extinta TV Excelsior: 2-5499 Ocupado. Protagonizada pelo casal Tarcísio Meira e Glória Menezes, a trama foi pioneira, sendo a primeira a ser exibida todas as noites. A partir dela estava lançado um novo fenômeno de massa, sucesso de público e de crítica: a telenovela brasileira.

Em 1965, a TV Tupi lança O Direito de Nascer. A produção alcançou índices de audiência surpreendentes e fez história, deixando registrada assim a sua marca na história da teledramaturgia brasileira.

Mas é somente a partir de 1965 que as emissoras de TV decidem investir de modo mais incisivo nas telenovelas. Neste contexto surge uma importante figura, seu nome é Glória Magadan. Esta escritora cubana fez com que o gênero se consolidasse de vez no Brasil. Glória criava tramas que se passavam em países da Europa, repletas de vilões cruéis, mocinhas submissas, ciganos, condes e duques. Muitos foram os sucessos (Eu compro esta mulher, Alma de Pedra e Anjo Marcado), são bons exemplos.

Quando os anos 60 chegavam ao fim, notou-se a necessidade de transformar a telenovela em algo mais “brasileiro”, desvinculando-a assim dos dramalhões latinos. Tudo começou a mudar com Antônio Maria, mas o total rompimento só se dá em Beto Rockfeller. Estas produções transformaram a telenovela em uma arte genuinamente brasileira.

O início dos anos 70 marcou a total nacionalização do gênero. A Rede Globo de Televisão demitiu Glória Magadan e passou a veicular novas produções. Deste modo, a Globo criou seu próprio padrão e tornou-se líder em teledramaturgia.

Os maiores sucessos da teledramaturgia nacional foram produzidos no decorrer dos anos 70 nos estúdios da TV Globo. Pecado Capital, O Astro, Pai Herói e Irmãos Coragem são algumas das produções que marcaram época. O escritor Dias Gomes lançou o realismo fantástico na Tv com O espigão e Saramandaia. O horário das seis passou a exibir exclusivamente adaptações de obras literárias, como Senhora e Cabocla. Em 1978, Gilberto Braga estréia no horário nobre com Dancin’Days e faz um sucesso estrondoso.

Durante os anos 80, a Rede Globo permaneceu impondo sua hegemonia. Em 1986, Benedito Ruy Barbasa escreve Sinhá Moça e faz os índices de audiência atingirem números surpreendentes. Mas sem dúvida, o ponto mais relevante da teledramaturgia brasileira nos anos 80 foi Roque Santeiro. Escrita por Dias Gomes e Aguinaldo Silva, a produção foi um absoluto sucesso.

Os anos 90 como um todo, podem ser resumidos em uma só expressão: guerra pela audiência. O SBT procurou investir mais no gênero e a Rede Manchete conseguiu enfim

abalar a hegemonia “global” com a novela Pantanal, de Benedito Ruy Barbosa. A Globo então trouxe de volta Benedito que escreveu sucessos como: “ O Rei do Gado”, “Terra Nostra” e “Renascer”.

A telenovela então chegou ao século XXI repleta de mudanças. As produções passaram a ser produzidas de modo muito diferente, transformaram-se em produto industrializado. Apesar de tudo isso, estruturalmente as tramas continuam preservando características dos antigos melodramas. Tal afirmação se faz pertinente quando observamos telenovelas como: Alma Gêmea, Senhora do Destino, Laços de Família e nosso ponto central de análise, Paraíso Tropical. Estas produções nos trazem vilões perversos e heróis destemidos e dispostos a defender a honra a qualquer preço. Por detrás dessas histórias está o bom e velho melodrama.

A Trama

A trama da novela gira em torno do antagonismo entre as gêmeas Paula e Taís, nas quais Paula representa o bem e Taís, o mal. Os primeiros capítulos apresentam a origem das irmãs, sendo Paula criada por uma dona de cabaré na Bahia e Taís pelo seu avô no Rio de Janeiro. Em torno das gêmeas surgem os outros personagens que de início se dividem entre os dois mundos. Daniel, o mocinho, conhece Paula na Bahia e vive um romance. Porém, a felicidade do casal é interrompida devido às falcatruas do vilão Olavo Novaes.

Paula acaba indo para Manaus, devido às armações de Olavo, mas após um tempo consegue chegar ao Rio de Janeiro. Apesar de ainda estar magoada com o desfecho de seu relacionamento, ela mantém esperanças de encontrar Daniel, seu par romântico. A ida de Paula para o Rio de Janeiro marca uma nova fase na novela, já que, na capital fluminense ela conhece seu avô, sua irmã gêmea e reencontra Daniel. Paula se mostra feliz em conhecer a irmã e faz confidências sobre seu passado e sobre Daniel. Por outro lado, Taís mantém uma amizade de aparências com Paula com a finalidade de tirar algum lucro.

Taís torna-se aliada de Antenor, patrão de Daniel, para separar o casal. No entanto, ela não obtém êxito e o casal retoma o romance.

No mesmo plano que Taís, situam-se pessoas de mesma índole como Marion, Olavo Novaes, e Ivan.

Um dos lugares importantes em que a trama se desenvolve é o hotel Duvivier, propriedade de Antenor Cavalvanti.

Antenor, inicialmente casado com Ana Luísa, é um dos personagens centrais da trama. Ele comete adultério com uma advogada do grupo e é desprezado por Ana Luísa, que por sua vez, inicia um novo romance e sai do país. Então, Antenor conhece Lúcia, a mulher ideal para ser a mãe de seu herdeiro, já que o filho que ele teve com Ana Luísa havia morrido em um acidente automobilístico. Lúcia, uma mulher de caráter exemplar, é amiga de Paula e a ajudará a enfrentar a perseguição dos vilões Olavo e Taís.

O final da trama se desenvolve em torno da morte de Taís. Taís extorquia dinheiro de Evaldo, um designer de jóias casado com Heloísa, mas ao descobrir que Taís o enganava, ele se revolta, e durante uma discussão ela o mata por acidente. A partir de então, Taís é procurada pela polícia e sentindo-se acuada, com a ajuda de Ivan, desenvolve um plano para assumir o lugar de sua irmã gêmea, Paula.

No dia do casamento de Paula, Taís coloca seu plano em ação: Ela deixa Paula inconsciente e tenta forjar um acidente de lancha em alto-mar, porém Paula é encontrada por Fred e Olavo. Olavo reconhece a vítima e a mantém prisioneira em uma clínica de repouso. Enquanto isso, Taís assume o lugar da irmã, mas em pouco tempo é desmascarada e volta a ser perseguida pela polícia. Paula consegue sair da clínica com a ajuda de Mercês, Lúcia e Daniel e retomar seu lugar na sociedade.

Taís era aliada de Olavo Novaes, mas ao tentar chantagear o vilão, ele a mata. A morte de Taís foi um dos recursos utilizados pelo autor para manter o suspense e a tensão na novela, e o assassino só foi revelado no último capítulo.

O final da novela, de acordo com a estrutura melodramática, foi encerrado com peripécias e reconhecimentos. Desta forma, as peripécias dramáticas acompanharam as perseguições da vítima durante toda a trama e somente no final que o reconhecimento intervém. Assim, somente no último capítulo que os crimes praticados por Olavo foram revelados.

Os vilões em Paraíso Tropical:

Na produção Global Paraíso Tropical o mal tem destaque especial. É através da ação dos vilões da trama que toda a história se desenvolve. Olavo Novaes (Wagner Moura), tem um único desejo na vida: conseguir assumir o lugar do tio, Antenor Cavalcanti (Toni Ramos), e herdar toda sua fortuna. Impulsionado pela ambição, ele comete crimes de toda espécie e persegue sem piedade o colega de trabalho Daniel Bastos (Fábio Assunção). A perseguição de Olavo a Daniel se dá pois Antenor considera o rapaz o melhor nome para assumir as empresas e herdar seu império. Olavo tem total consciência de seus atos, ele decide seguir pelo caminho do mal em nome do desejo desmedido de tornar-se milionário. Nesse contexto cabe a fala de Ivete Hupples quando diz:

Tanto o vilão quanto o herói anunciam sua identidade. Assim, os maus sabem que são maus e não fazem qualquer esforço para esconder tal condição. Quando enveredam por esta trilha, não se encontram iludidos. Têm razões consistentes para justificá-los, ao menos perante eles próprios, e isto os leva para diante. (HUPPES, p.112, 2000)

A inveja também é fator determinante nas atitudes de Olavo. Durante toda a trama, ele esconde de seu meio-irmão Ivan (Bruno Gagliasso), o fato dele ser filho legítimo de Antenor. Olavo não se conformava em perceber que o irmão herdaria a fortuna e por isso o humilhava de todas as formas fazendo-o pensar que não eram filhos do mesmo pai. O vilão afirmava para Ivan que ele era filho de um antigo motorista da casa. Sua mãe, Marion Novaes (Vera Holtz), também demonstrou ser uma mulher inescrupulosa, má, invejosa e interesseira. Olavo cresceu num ambiente de mentiras, traições e muita ambição, mas isso com certeza não serve de justificativa a seu comportamento e falta de caráter. Vejamos o que nos fala Ivete Hupples:

Tal como na vida real, as personagens estão submetidas ao princípio da racionalidade dos fins. Localizam-se na trama como se esta figurasse uma corrida de obstáculos. O ponto de chegada está delimitado com exatidão e dá o norte para cada passo – os bons querem a vigência do bem; os maus se beneficiam com o estabelecimento do mal. Também o ponto de início tem prévia marcação, pois as personagens igualmente se alinham em um dos extremos. Da habilidade do indivíduo depende a vantagem final, dado que ambos os partidos estão fortemente empenhados em obter sucesso. O êxito não é decorrência do caráter do contendor, porque ambos reúnem condições de vitória. Deriva principalmente de fatores externos. Às vezes a derrota é infligida pela força do adversário; às vezes o emprego de armas especiais é o aspecto que desequilibra a balança. Este é particularmente o caso do vilão, que utiliza expedientes rejeitados pelo herói. Como por exemplo, a violência, o engodo ou a traição. (HUPPES, p. 115, 2000)

Juntamente com Olavo outros personagens enveredaram pela trilha do mal. Esses, atuando como cúmplices e comparsas, corroboravam com as idéias do vilão e punham em prática os planos maléficos do mesmo. Os principais comparsas de Olavo foram Bebel (Camila Pitanga) e Jáder (Chico Dias). O cafetão trouxe a prostituta da Bahia, prometendo-a uma nova vida no Rio de Janeiro. Jáder, um explorador de mulheres, participou de todas as armações de Olavo para separar Daniel de Paula. O que o unia a Olavo, era a ganância por “dinheiro fácil”. Já Bebel, em um primeiro momento se uniu a Olavo por dinheiro, mas no decorrer da trama realmente se apaixonou pelo vilão. Em nome do amor que sentia, ela era submissa aos desejos de Olavo, aceitando todos os crimes cometidos por ele. Seu sonho maior era deixar de ser garota de programa e abandonar as noites do Calçadão de Copacabana. Apesar de muito irreverente e de conquistar a simpatia do público em geral, Bebel desde o início da trama revelou a todos nós sua conduta questionável. Na verdade, sua paixão por Olavo somada à seu desejo de enriquecer, fizeram com que Bebel pertencesse à vertente do mal. Mais uma vez Ivete Huppés faz considerações pertinentes acerca do tipo de personagem vivido por Camila Pitanga:

Não se trata de personagens irremediavelmente perversos como os companheiros o são. Sucede que a capacidade de discernimento ficou comprometida pela paixão amorosa. A perda do domínio sobre os próprios afetos está associada preferencialmente ao vilão. À desmedida passional relaciona-se, portanto, o desfecho infausto reservado para essas personagens originalmente boas. Elas selam seu destino quando transitam para o pólo negativo arrastadas pelo impulso sentimental. Encontrarão a punição ao invés da felicidade. Se não tiverem tempo para o arrependimento e para a reparação do mal praticado, serão alvo da mesma reprovação que incide sobre aquelas genuinamente malvadas. (HUPPES, p.116,2000).

E tão vilã quanto Olavo é Taís Grimaldi. Ela é a peça chave da trama. Irmã gêmea de Paula, ela envolve-se nos mais diversos crimes em nome da ambição. A possibilidade de conseguir “dinheiro fácil” a leva trair sua própria irmã. Ela é má, invejosa, tem sério desvio de conduta e é extremamente perversa. Torna-se inicialmente cúmplice de Antenor (que a oferece dinheiro para afastar Paula de Daniel), mas no decorrer da trama ela participa de inúmeras falcatruas maquinadas por Olavo e chega ao ponto de tornar-se uma assassina (lembrando que ela mata o design de jóias Evaldo para que ele não a denunciasse. A vilã tenta matar a irmã Paula no dia de seu casamento e assumir sua identidade. Tudo isso Taís faz com a ajuda de Ivan, seu amante e cúmplice. Ela consegue assumir a identidade da irmã e ficar com Daniel, mas Paula sobrevive à tentativa de homicídio e é salva pelo vilão Olavo. Assim os vilões ficam frente a frente e

Olavo começa a chantagiar Taís. É uma disputa maléfica, ambos lutam com suas armas para atingirem seus objetivos. Mas Olavo decide vencer de vez Taís e a mata envenenada com gás de cozinha no apartamento dos mocinhos Daniel e Paula. Olavo só recebe sua punição no último capítulo quando leva vários tiros e morre no apartamento de sua mãe. O mal mais uma vez é punido com a morte. Esse talvez não fosse o desfecho sonhado pelo público, que esperava ver Olavo atrás das grades, pagando por todos os crimes cometidos. Jáder também morre ao ser baleado. Bebel é presa, mas após deixar a prisão torna-se amante de um senador e termina a trama como uma celebridade relâmpago. Marion, com todo sua empáfia, torna-se vendedora ambulante. O fim da trama para os vilões não traz nenhuma surpresa, após toda uma trajetória de maldades eles encontram a morte como castigo.

Em detrimento da moral, as personagens malvadas colocam os projetos próprios. Por isto mesmo o público aplaude o infortúnio que se abate sobre eles no desfecho. Gosta de ver quando colhem o castigo pela tentativa de submeter todos à conveniência pessoal (HUPPES, p. 112, 2000).

Os Mocinhos

Melodramáticos por natureza, Paula e Daniel representam com fidelidade o papel de inocentes perseguidos. Desde o começo da trama os mocinhos são acometidos pelas ciladas e truques dos vilões. Durante toda a trama eles são perseguidos e sua felicidade é interrompida, levando-os a experimentar um sofrimento de natureza indescritível. Assim, de acordo com Jean Marie Thomasseau (2005) o tema da perseguição na novela. Assim como no melodrama foi o pivô de toda a intriga.

Paula, no início da trama é levada a acreditar que Daniel tinha brincado com os sentimentos dela e que a recriminava por ser filha de uma dona de cabaré. Assim, com o orgulho ferido e o coração partido ela é induzida a esquecê-lo. Mas, quando ela consegue chegar ao Rio de Janeiro, as lembranças do amado vêm à tona e ela decide procurá-lo. Quando eles se encontram todas as mágoas são esquecidas e os problemas desaparecem, no entanto, seus inimigos não dão trégua e voltam a ameaçar a felicidade do casal.

Esta conduta dos mocinhos vai de encontro com as estruturas melodramáticas, segundo Thomasseau (2005):

As personagens que sofrem a perseguição apresentam menor variação de comportamento: sua função dramática é essencialmente fazer frente às situações terríveis que suscitam um suspense patético e, de modo geral são as mulheres e as crianças que desempenham melhor este papel.

Mas, o sofrimento maior ainda estaria por vim. Ao assumir o lugar de Paula, Taís submeteu a irmã a um grande sofrimento. Paula foi mantida sedada em uma clínica sob a tutela de Olavo. Em seu martírio, ela lembrava os momentos de amor e felicidade ao lado de seu amado e sofria ao pensar que sua irmã desfrutava do convívio de seu marido, lar amigos e familiares. Daniel, por sua vez, sentia-se perdido, pois não já não reconhecia a mulher que tanto amava. Ao descobrir a troca das irmãs, Daniel experimentou ao mesmo tempo uma sensação de alívio e ódio, pois ele havia se tornado o elo entre o bem e o mal.

Porém, logo após sua volta, Paula tornou-se a principal suspeita pela morte de Taís e Daniel foi expulso do grupo Cavalcanti acusado por roubo.

Apesar de todo o sofrimento e perseguições, o casal, teve um final feliz, no qual reinou a paz, o equilíbrio e a felicidade almejada: Pai, mãe e filhos (gêmeos) juntos, sem culpas e ameaças em um ambiente harmonioso, socialmente perfeito e digno.

Considerações Finais:

A telenovela, semelhante ao melodrama, é um gênero que privilegia primeiramente a emoção e a sensação. Sua principal preocupação é fazer variarem estas emoções com a alternância e o contraste de cenas calmas ou movimentadas, alegres ou patéticas (Huppés, 1998). Assim, o autor da telenovela Paraíso tropical, Gilberto Braga partilhou com o público seus objetivos dramáticos (a disputa do bem contra o mal) e mais uma vez conquistou e privilegiou o horário nobre com uma trama cujo sucesso é inquestionável.

Referências Bibliográficas:

THOMASSEAU, Jean Marie. *O Melodrama*. [tradução e notas Claudia Braga e Jaqueline Penjon]. São Paulo: Perspectiva, 2005.

HUPPES, Ivete. *Melodrama: O Gênero e sua permanência*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
www.teledramaturgia.com.br